

# Belas-artes e gosto da filosofia da história de Voltaire

Vladimir de Oliva Mota \*

## *Resumo*

Trata-se aqui de apresentar a noção de gosto em Voltaire, considerando seu discurso combativo de filósofo-historiador da marcha do espírito humano. Na perspectiva voltairiana de uma filosofia da história, orientada à ideia de civilização, cujo critério último é a moral, a noção de gosto ocupa um lugar importantíssimo, a saber: o gosto, mais exatamente o gosto intelectual, revela o “homem sensível”, um ser humano de valor moral, presente na história da civilização por intermédio das belas-artes. Nesse sentido, o que aqui se objetiva é, no âmbito da discussão da estética e da filosofia da história voltairianas, indicar a finalidade das belas-artes como sendo a mediação entre história e civilização, atestada no ser humano de gosto.

## *Palavras-chave*

Voltaire; História; Civilização; Belas-Artes; Gosto.

## *Abstract*

It is here to present the notion of taste in Voltaire, considering his combative discourse of philosopher-historian of the march of the human spirit. In the Voltairian perspective of a philosophy of history, oriented to the idea of civilization, whose ultimate criterion is morality, the notion of taste occupies a most important place, namely: taste, more precisely the intellectual taste, reveals the "sensible man" a human of moral value, present in the history of civilization through the fine arts. In this sense, what is here objectified is, in the context of the discussion of aesthetics and philosophy of Voltairian history, indicate the

---

\* Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

purpose of the fine arts as the mediation between history and civilization, attested to the human being of taste.

*Key words*

Voltaire; History; Civilization; Fine Arts; Like.

*Introdução*

É conhecida a contribuição de Voltaire no âmbito da reflexão sobre a história, responsável, em grande parte, por uma mudança na mentalidade acerca da história universal. Ele não apenas inventou o termo “Filosofia da história”, mas, sobretudo, combateu, empedernido e contumaz, uma teologia da história de linhagem agostiniana, que tinha em Bossuet seu último grande e influente representante, propondo uma outra maneira de pensar a história. Voltaire foi, assim, um dos responsáveis pelo processo de secularização do pensamento sobre a história<sup>1</sup>, na qual o homem é o único a quem se deve imputar a construção da civilização ou da barbárie, pois são estas resultantes da ação humana livre. Paul Hazard já atestara essa revolução voltairiana no pensamento sobre a história quando afirma no prefácio da célebre obra *La crise de la conscience européenne*: “A maioria dos franceses pensavam como Bossuet, de repente, os franceses pensam como Voltaire: é uma revolução”<sup>2</sup>.

O que aqui se está tomando por estética em Voltaire segue a direção indicada por Umberto Eco em sua *Arte e beleza na estética medieval*, a saber:

todo discurso que, com qualquer propósito sistemático e pondo em jogo conceitos filosóficos, ocupa-se de alguns fenômenos referentes à beleza, à arte e às condições de produção e apreciação das obras de arte e outras atividades e entre

---

<sup>1</sup> Sobre esse tema, ver: BINOCHE, Bertrand. *Les trois sources des philosophies de l'histoire (1764-1798)*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2008. LÖWITH, Karl. *O sentido da história*. Tradução Maria Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70, 1991.

<sup>2</sup> HAZARD, Paul. *La crise de la conscience européenne*. Paris: Fayard, 1994. p. 7.

arte e moral, à função do artista, às noções de agradável, de ornamental, de estilo, de juízos de gosto e também à crítica desses juízos.<sup>3</sup>

Discussões acerca do belo, do julgamento do gosto, do gênio, da função da belas-artes etc. compõem a obra de Voltaire; a distribuição de suas ideias acerca desses temas é dispersa – sua obra é propositalmente assistemática – e se apresenta em um *corpus* imenso e complexo, mas a coerência de seu pensamento a acerca daquelas discussões permite falar em uma estética de Voltaire no sentido acima mencionado.

Na mais substancial obra acerca do pensamento estético voltairiano, *Le goût de Voltaire*, Raymond Naves explica que a quantidade e a multiplicidade de textos de crítica das belas-artes dão a medida da importância e da presença do gosto no pensamento de Voltaire<sup>4</sup>. Embora este filósofo estimasse mais o exercício do gosto do que a explicitação da fundamentação filosófica desse exercício, Voltaire não deixou de tentar definir e isolar os elementos do gosto; conclui Naves acerca desse ponto: “Suas reflexões [de Voltaire] sobre esse assunto [o gosto] são dispersas, mas sua precisão permite construir com bastante exatidão o edifício estético, que desdenhou erguer por si mesmo”<sup>5</sup>.

Voltaire não fala como um pensador sistemático, e sim como um homem de gosto exercendo este em um discurso crítico, como historiador da marcha do espírito humano, tratando do gosto nesta perspectiva e assinalando-lhe como indicador de civilidade. Herdeiro da concepção clássica sobre o gosto, há em Voltaire, todavia, um complexo espírito de julgamento espontâneo e de cultura, que se torna uma arma antigeométrica: esse espírito é mais um atributo de um homem sensível<sup>6</sup> (*honnête homme*, como se dizia nos séculos XVII e XVIII franceses), isto é, alguém de espírito de fineza, de polidez, de sociabilidade... em uma palavra, de civilidade, do que um instrumento permanente de crítica<sup>7</sup>.

---

<sup>3</sup> ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Tradução Mário Sabino. 2ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 11.

<sup>4</sup> Cf.: NAVES, Raymond. *Le goût de Voltaire*. Genève: Slatkine, 2011. p. 187.

<sup>5</sup> NAVES, Raymond. *Le goût de Voltaire*. Genève: Slatkine, 2011. p. 200.

<sup>6</sup> Cf.: NAVES, Raymond. *Le goût de Voltaire*. Genève: Slatkine, 2011. p. 191-192.

<sup>7</sup> Segundo Sylvain Menant, a estética de Voltaire passou por uma mudança durante uma vida tão longa. Uma primeira etapa, até por volta dos seus vinte anos, “Arouet é partidário do Modernos (sem cair nos excessos do geômetras) porque é preciso ser do seu tempo e não depreciar os autores do século de Luís XIV”. (MENANT, Sylvain. *L'esthétique de Voltaire*. [S.l.]: Sedes, 1995. Collection “Esthétique”. p. 18) Uma segunda etapa é a da sua estada na Inglaterra; Voltaire escreve em 1727, na Inglaterra e em Inglês, o *Traité sur la poésie épique*; em 1728, surge uma tradução francesa dessa obra, mas só em 1733 o próprio Voltaire faz sua tradução, em um texto bastante diferente do original. “Essa obra de circunstância [pois sua redação é uma ação publicitária para a publicação da *Henriade*] permite, contudo, definir a posição de Voltaire no principal debate literário do início do século e nas numerosas implicações estéticas: a Querela dos Antigos

Na célebre “Introdução” da obra *Le siècle de Louis XIV* (1752), Voltaire faz referência as quatro “idades felizes” da história da civilização:

Essas quatro idades felizes são aquelas nas quais as artes foram aperfeiçoadas e que, servindo [...] à grandeza do espírito humano, são o exemplo para a posteridade. O primeiro desses séculos, ao qual a verdadeira glória é associada, é o de Felipe e de Alexandre, ou de Péricles, de Demóstenes, de Aristóteles, de Platão, de Apeles, de Fídias, de Praxíteles [...]. A segunda é aquela de César e de Augusto, designada ainda pelo nome de Lucrécio, de Cícero, de Tito Lívio, de Virgílio, de Horácio, de Ovídio, de Varrão, de Vitruvius. A terceira é aquela que segue a tomada de Constantinopla [...]: era o tempo de glória da Itália [renascentista]. [...]. Tudo tendia à perfeição. [...] O quarto século é aquele que se nomeia de o século de Louis XIV e é, talvez, dos quatro, o que mais se aproxima da perfeição<sup>8</sup>.

É dessa passagem, exaustivamente analisada por diversos intérpretes da obra de Voltaire, que se extrai o problema do presente trabalho, a saber: que papel exerce o gosto nessas quatro “idades felizes” da história? O caminho escolhido à resolução exige, evidentemente, a relação entre dois aspectos do pensamento voltairiano: Filosofia da História e Estética. Dessa forma, o que aqui se propõe é identificar a noção de gosto como critério de civilidade possibilitada pelas belas-arts. Isto é: o gosto, mais exatamente, o gosto intelectual mostra o homem sensível, inserido, dessa forma, na história da civilização por intermédio das belas-arts; o fim das belas-arts é, assim, a mediação entre história e civilização, pois as belas-arts civilizam, e esta civilização é atestada pelo ser humano de gosto intelectual. Com esse propósito, este trabalho é separado em três momentos: no primeiro, identificar a Filosofia da História voltairiana com a sua noção de civilização, o que implica um critério moral; num segundo momento, apresentar a estética de Voltaire a partir de sua noção de gosto, destacando os elementos

---

e dos Modernos. [...] Do conjunto, contudo, destaca-se uma opinião que permanecerá a de Voltaire. Alguns partidários dos Modernos, como Houdard de la Motte, [...] afirmavam que o julgamento estético podia e devia repousar sobre um raciocínio perfeitamente claro”; (MENANT, Sylvain. *L'esthétique de Voltaire*. [S.l.]: Sedes, 1995. Collection “Esthétique”. p. 19) para Voltaire, essa análise é incapaz “de dar conta da totalidade do fenômeno literário. Essa estética literária [dos Modernos] pecava pelo excesso de racionalização e de simplificação”. (MENANT, Sylvain. *L'esthétique de Voltaire*. [S.l.]: Sedes, 1995. Collection “Esthétique”. p. 19).

<sup>8</sup> VOLTAIRE. *Le siècle de Louis XIV*. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

desses, a saber: discernimento, comparação e espontaneidade e, finalmente, no terceiro momento, associar belas-artes e civilização em Voltaire.

À leitura da obra voltairiana, faz-se necessário evitar as consequências desastrosas de se tomar Voltaire por “amostragem”, isto é, pela adoção, para análise, de passagens de seus textos sem levar em consideração o conjunto de sua obra e os fatos de sua biografia. A consequência do equívoco de analisar Voltaire por amostragem, assegura René Pomeau<sup>9</sup>, são as intermináveis perspectivas criadas – em sua maioria, divergentes – acerca do pensamento voltairiano. Assim, é necessário lê-lo em bloco, por conjunto, em quantidade significativa, considerando a multiplicidade de formas e de ideias recorridas pelo filósofo ao longo de sua vida: a leitura em bloco e a busca por textos em momentos distintos da vida do filósofo possibilitam identificar o que permanece, a essência do seu pensamento e a articulação das suas ideias. A leitura em bloco e em diferentes períodos da obra voltairiana permite desvelar um nexos interno em seus textos, nexos esse que o próprio autor não está preocupado em explicitar, pois a Voltaire interessa mais o efeito produzido de seus combates no âmbito prático e não há nele a preocupação de convencer seus adversários e seu público com discussões no âmbito teórico da obra, o que não implica dizer que não há, em seus escritos, uma conexão e um fundamento teórico e crítico implícitos. E são estes fundamentos que aqui se pretende buscar para elucidar o problema da relação entre Estética e Filosofia da História em Voltaire a partir do problema do Gosto.

---

<sup>9</sup> Segundo Sylvain Menant, a estética de Voltaire passou por uma mudança durante uma vida tão longa. Uma primeira etapa, até por volta dos seus vinte anos, “Arouet é partidário do Modernos (sem cair nos excessos do geômetras) porque é preciso ser do seu tempo e não depreciar os autores do século de Luís XIV”. (MENANT, Sylvain. *L'esthétique de Voltaire*. [S.l.]: Sedes, 1995. Collection “Esthétique”. p. 18) Uma segunda etapa é a da sua estada na Inglaterra; Voltaire escreve em 1727, na Inglaterra e em Inglês, o *Traité sur la poésie épique*; em 1728, surge uma tradução francesa dessa obra, mas só em 1733 o próprio Voltaire faz sua tradução, em um texto bastante diferente do original. “Essa obra de circunstância [pois sua redação é uma ação publicitária para a publicação da *Henriade*] permite, contudo, definir a posição de Voltaire no principal debate literário do início do século e nas numerosas implicações estéticas: a Querela dos Antigos e dos Modernos. [...] Do conjunto, contudo, destaca-se uma opinião que permanecerá a de Voltaire. Alguns partidários dos Modernos, como Houdard de la Motte, [...] afirmavam que o julgamento estético podia e devia repousar sobre um raciocínio perfeitamente claro”; (MENANT, Sylvain. *L'esthétique de Voltaire*. [S.l.]: Sedes, 1995. Collection “Esthétique”. p. 19) para Voltaire, essa análise é incapaz “de dar conta da totalidade do fenômeno literário. Essa estética literária [dos Modernos] pecava pelo excesso de racionalização e de simplificação”. (MENANT, Sylvain. *L'esthétique de Voltaire*. [S.l.]: Sedes, 1995. Collection “Esthétique”. p. 19).

Compreende-se aqui que o termo “história” comporta dois sentidos: a) desenvolvimento efetivo dos acontecimentos, a partir do qual se pode falar de um “curso da história” e b) a disciplina do historiador, explica Alain Sager, “enquanto propõe uma narrativa dos acontecimentos históricos e, eventualmente, sua explicação”<sup>10</sup>, a partir do qual se pode falar de “curso de história”. O pensamento de Voltaire acerca desse tema contempla esses dois sentidos: Filosofia da História significa, para ele, de uma lado, uma maneira de conceber o processo histórico – o desenrolar dos acontecimentos e sua explicação – e, de outro, um modo de reconstruir esse processo para o leitor do presente<sup>11</sup>.

Aqui interessa a perspectiva explicativa que implica uma leitura do ordenamento dos fatos históricos em função de uma direção que pode ser tomada pela história cujo critério que permite determinar o que é um grande século, as “idades felizes”, é de caráter cultural, intelectual e, conseqüentemente para Voltaire, moral, a saber: a civilização. Para esse autor, motor da história reside no afrontamento que se desenvolve entre duas tendências contraditórias: uma que tende à civilização, outra que tende à barbárie. De acordo com Alain Sager, “o homem pode fazer avançar a primeira e fazer recuar a segunda, aí se situa sua margem de liberdade”<sup>12</sup>. (p. 91)

Essa perspectiva da história, além de exigir uma cadeia de noções que vai desde a ideia de ação livre até sua complexa relação com a de uma Providência Geral<sup>13</sup>, passando pela ideia de probabilidade das verdades históricas<sup>14</sup>, faz do pensamento voltairiano sobre a história, segundo Maria das Graças de Souza, particular e original, pois:

---

<sup>10</sup> SAGER, Alain. *Apprendre à philosopher avec Voltaire*. Paris: Ellipses, 2012. p. 90.

<sup>11</sup> Acerca dessas duas perspectivas da ideia de Filosofia da História voltairiana, ver: SOUZA, Maria das Graças de. *História e Ilustração: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso, 2001.

<sup>12</sup> SAGER, Alain. *Apprendre à philosopher avec Voltaire*. Paris: Ellipses, 2012. p. 91.

<sup>13</sup> Cf.: MOTA, Vladimir de Oliva Mota. Providência e Liberdade em Voltaire. In: *Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea* – Volume III, no 1-2, 2015. Disponível em <<http://www.rivistaquadranti.eu>>. Acessado em 02 julho 2018.

<sup>14</sup> Acerca da aplicação do probabilismo às verdades históricas, ver: SAGER, Alain. Retour sur le probabilisme voltairien. In: *Cahier Voltaire*. N° 13, Ferney-Voltaire, Sept., 2014. De acordo com Sager, o probabilismo comanda a visão voltairiana da história; assim, a crítica à Teologia da história funda-se nesse exame probabilístico: “Os primeiros fundamentos da história são as narrativas dos pais aos filhos, transmitidas em seguida de uma geração a outra; elas não são mais do que prováveis em sua origem, quando não se chocam como senso comum, e perdem um grau de probabilidade a cada geração. Com o tempo, a fábula cresce e a verdade se perde; por esse motivo, todas as origens dos povos são absurdas”. (VOLTAIRE. Questions sur l’Encyclopédie. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres complètes de Voltaire*. L’édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005).

embora guarde da concepção linear da história a ideia de progresso e, da tradição cíclica, a ideia do retorno, a concepção voltairiana entendida à luz da doutrina do grande século, rejeita, da primeira, a ideia de um *telos* necessário em direção ao qual caminhar a humanidade e, da segunda, a noção de retorno do mesmo, constituindo assim uma visão da história particular e original<sup>15</sup>.

O assunto da investigação histórica de Voltaire, portanto, é a civilização. A história é a trajetória da civilização. Mas o que significa aqui civilização? Ainda de acordo com Maria das Graças de Souza, civilização significa “[...] o conjunto dos desenvolvimentos produzidos pelo homem nas artes, nas ciências, nas técnicas, e, além disso, das transformações espirituais e morais que acompanham esse desenvolvimento”<sup>16</sup>. Em outras palavras: a realização, nas sociedades humanas, dos valores estabelecidos pela razão e pela sensibilidade, possibilitando o aperfeiçoamento geral da humanidade resultante de uma melhor organização do indivíduo e da sociedade, objetivando aumentar o que há de melhor nos homens. Trata-se da, diz Sager, “[...] afirmação progressiva da tolerância, da moderação, do respeito ao outro e da doçura nas relações humanas”<sup>17</sup>. O critério último da civilização é, portanto, ético. A moral social é o valor supremo no pensamento voltairiano.

Não obstante a civilização ser a direção a ser seguida pela história, como foi dito, ela não é um *telos* necessário, há sempre o risco da recaída na barbárie, que se caracteriza pelo que Voltaire chama de “a infame”, isto é, tudo aquilo que ameaça a vida – a brutalidade cega, as prisões forçadas, as condenações sem defesa, a tortura, os confinamentos em mosteiros, os assassinatos, os suplícios, os duelos, as guerras... – e tudo aquilo que afeta o espírito de liberdade – as fraudes religiosas ou políticas, o abuso do poder político e religioso, a perseguição por delito de opinião, a censura, a superstição, a ignorância, a manutenção de preconceitos do passado, a intolerância religiosa ou política...

Em *Le siècle de Louis XIV*, ainda na “Introdução”, seu autor diz que não se pode afirmar que nos grandes séculos não houve crimes, pois a perfeição das artes cultivadas

---

<sup>15</sup> SOUZA, Maria das Graças de. *História e Ilustração: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso, 2001. p. 113.

<sup>16</sup> SOUZA, Maria das Graças de. *História e Ilustração: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso, 2001. p. 114.

<sup>17</sup> SAGER, Alain. *Apprendre à philosopher avec Voltaire*. Paris: Ellipses, 2012. p. 92-93.

não impediu a maldade de alguns; contudo, assegura Voltaire: “todos os séculos se assemelham pela maldade dos homens; mas eu não conheço senão essas quatro idades distinguidas pelos grandes talentos”<sup>18</sup>. Pode-se dizer, então, que aqueles grandes séculos foram os mais civilizados, aqueles nos quais as técnicas, as artes e as belas-artes favoreceram o bem-estar e o prazer individuais e coletivos, conservaram as relações pacíficas entre os indivíduos.

### *Gosto*

Voltaire, no verbete “Gosto” da *Encyclopédie* (1757)<sup>19</sup>, inicialmente, aproxima o gosto físico do gosto intelectual, diz que esta expressão é uma metáfora daquela e que tanto um quanto outro são faculdades de conhecer de maneira imediata, intuitiva, como por sensação<sup>20</sup>, dons de discernimento: o gosto físico discerne os alimentos e o gosto intelectual é “o sentimento das belezas e das imperfeição em todas as artes”<sup>21</sup>. Tanto um quanto outro são discernimento imediatos, advertem a reflexão, são frequentemente incertos e têm necessidade do hábito para se formar.

A ideia de discernimento, julgamento, é elemento fundamental do objeto do presente trabalho. O discernimento como definição do gosto intelectual comporta outros dois elementos que lhe são constituintes, a saber: a espontaneidade e a comparação.

A comparação é um elemento decisivo ao gosto intelectual. Duas obras de Voltaire são bastante ilustrativas do trabalho que o filósofo realizou de revisão crítica das belas-artes, em geral, e da literatura, em particular, a saber: *Le temple du goût* (1733), no qual ele opera uma triagem rigorosa entre os autores contemporâneos, e o *Discours aux Welches* (1764), no qual denuncia a barbárie que começa, no domínio artístico e literário, a ganhar os franceses. O ato essencial do gosto é estabelecer paralelos, analogias. Em *Conselhos a um jornalista* (1737), Voltaire afirma que o gosto consiste em comparar<sup>22</sup>,

---

<sup>18</sup> VOLTAIRE. Le siècle de Louis XIV. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

<sup>19</sup> A Primeira Seção é de 1757, a Segunda Seção surge em 1771, nas *Questions sur l'Encyclopédie*, e os últimos parágrafos foram acrescidos em 1772 nos *Supplément aux Questions sur l'Encyclopédie*. O editor Moland, em 1875, uniu as *Questions sur l'Encyclopédie* com o *Dictionnaire philosophique* (1764) sob o título de *Dictionnaire philosophique*.

<sup>20</sup> Nesse verbete, Voltaire utiliza o termo *sens*. No século XVIII, *sens* significa a faculdade de conhecer de maneira imediata, intuitiva, como por sensação.

<sup>21</sup> VOLTAIRE. Dictionnaire philosophique. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

<sup>22</sup> VOLTAIRE. Conseils à un journaliste. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.



sublinha insistentemente seu interesse em documentações, base de seus estudos literários. Ele exige do jornalista, o ancestral do crítico de arte, que se tenha consciência de formação. A comparação instrui e forma o gosto: “É desse paralelo, como da anatomia comparada, que se faz conhecer a natureza”<sup>23</sup>. A considerar o que defende Raymond Naves, Voltaire teria anunciado, com isso, uma ciência que apenas no século XX foi colocada no devido lugar: a Literatura Comparada. Diz esse intérprete:

Ele não pronunciou a palavra, mas ele conduz naturalmente a ela ao mesmo tempo que à ciência das fontes literárias, pois, se ele não fixou o seu método em detalhes, ele soube ver o interesse de tais pesquisas e as recomenda porque elas permitem o espírito melhor comparar, evitando a inclinação ao ‘prazer fácil’ e superficial<sup>24</sup>.

São conhecidas as jocosas sentenças que apontam para a relatividade da beleza no verbete “Belo, Beleza” do *Dicionário filosófico* (1764). Conclui-se então que, para Voltaire, o belo é relativo? A resposta é negativa. Voltaire nunca está “inteiro” em uma obra. Aquelas sentenças são mais metodológicas do que definitivas. A que destino, então, conduzem aquelas sentenças? Elas são um apelo à espontaneidade do gosto. Voltaire não admite a relatividade do gosto porque ele não admite o julgamento de todo tipo de espírito, pois faz-se necessário, ao julgamento de gosto, espíritos bem formados, trata-se, portanto, da espontaneidade do homem de gosto.

Voltaire, no referido verbete “Gosto”, não hesita em responder ao se perguntar: “Há um bom e um mal gosto? Sim, sem dúvida, ainda que os homens distingam-se em opiniões, em costumes e em usos”<sup>25</sup>. Para ele, nem tudo é de igual valor, mesmo na ausência de uma norma explícita que surja de uma transcendência, há, nas belas-artes, “belezas reais”, assim, “há um bom gosto que as discerne e um mal gosto que as ignora”<sup>26</sup>. A referencia dessas belezas é a “bela natureza”, entendendo por essa expressão a imitação da “[...] natureza com o máximo de fidelidade, de força e de graça. Mas a graça não é arbitrária? Não, pois ela consiste em dar aos objetos que se representam vida e doçura”<sup>27</sup>. Assim, mesmo admitindo a existência de belezas locais e temporais, há belezas universais e atemporais, aquelas produzidas pela “bela natureza”:

---

<sup>23</sup> VOLTAIRE. Conseils à un journaliste. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

<sup>24</sup> NAVES, Raymond. *Le goût de Voltaire*. Genève: Slatkine, 2011. p. 197-198.

<sup>25</sup> VOLTAIRE. Dictionnaire philosophique. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

<sup>26</sup> VOLTAIRE. Dictionnaire philosophique. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

<sup>27</sup> VOLTAIRE. Dictionnaire philosophique. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

A eloquência deve ser em todos os lugares persuasiva; a dor, tocante; a cólera, impetuosa; a sabedoria, tranquila. Mas os detalhes que podem agradar um cidadão de Londres poderão não fazer efeito sobre um habitante de Paris<sup>28</sup>.

Em oposição ao gosto físico cuja diferença encontra-se aí na imprecisão dos órgãos; no gosto intelectual, a diferença de gosto se dá como carência intelectual ou afetiva, “é uma doença do espírito”<sup>29</sup>. Como media preventiva, faz-se necessário formar o gosto, isto se dá, menos por lições e preceitos do que por exemplos. Diz Voltaire: “Acostuma-se a ver belos quadros com os olhos de Le Brun, de Poussin, de Le Sueur”<sup>30</sup>. É na experiência com as obras de arte, no contato pessoal no qual se consolida e se afirma a sensibilidade, o homem de gosto, o especialista (*connaisseur*):

O homem de gosto tem outros olhos, outras orelhas, um outro tato em relação ao homem grosseiro. Fica chocado com os ornamentos mesquinhos de Rafael, mas admira a nobre correção de seu desenho. Tem o prazer de perceber que as crianças de Laocoonte não têm nenhuma proporção com o tamanho de seu pai; mas todo o grupo o faz tremer enquanto outros espectadores estão tranquilos<sup>31</sup>.

As jocosas sentenças do verbete “Belo, Beleza” não atestam uma relatividade do belo, mas um apelo à espontaneidade do especialista (*connaisseur*, do homem de gosto), de alguém sensível, capaz de apreender e explicitar as virtualidades envolvidas na experiência artística. Essa espontaneidade do homem sensível é um elemento necessário ao gosto intelectual porque esse gosto está longe de ser apenas uma apreensão da razão – termo jamais nomeado no verbete –, mas uma reação à sensibilidade, uma reação afetiva. O ser humano de gosto se entusiasma e não apenas raciocina. Explica Voltaire: “Não é suficiente, para o gosto, ver, conhecer a beleza de uma obra, é necessário senti-la, ser por ela tocado”<sup>32</sup>. Trata-se, nesse sentido, nas palavras de Sylvain Menant, “de julgamento

---

<sup>28</sup> VOLTAIRE. Dictionnaire philosophique. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875.VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

<sup>29</sup> VOLTAIRE. Dictionnaire philosophique. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875.VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

<sup>30</sup> VOLTAIRE. Dictionnaire philosophique. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875.VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

<sup>31</sup> VOLTAIRE. Dictionnaire philosophique. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875.VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

<sup>32</sup> VOLTAIRE. Dictionnaire philosophique. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875.VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

sem regras que permite, ao autor e ao seu público [...] sentir a conquista artística ou intelectual sem ter a necessidade de raciocínios nem de justificações”<sup>33</sup>. A considerar a interpretação de Raymond Naves, essa espontaneidade é indispensável para confundir a razão geométrica e beócia; aquele que só julga por regras, julga mal:

Voltaire se insurge contra as pretensões da Razão de julgar a obra de arte segundo um quadro preestabelecido, ele se insurge também contra sua pretensão de querer inspirar a obra de arte: toda grande obra vem do gênio e deve ser julgada pelo gosto<sup>34</sup>.

Voltaire sempre insistiu na liberdade de consciência do leitor, do espectador etc, seu objetivo sempre foi o de despertar o espírito livre de coerções; esse julgamento é fundado no gosto, ou seja, no espírito cultivado e no prazer do homem sensível.

#### *Belas-artes e civilização*

Apesar de considera as belas-artes indiferentes à virtude e ao vício, podendo servir igualmente a um e a outro, Voltaire não negligencia atribuir um fim pedagógico às belas-artes, um fim civilizatório. Em um texto de 1730, Voltaire explicita a finalidade de sua escrita de teatro, por exemplo, tanto a tragédia quanto a comédia. Trata-se do *Discours sur la tragédie à Mylord Bolingbroke*, texto que serve de apresentação a sua peça *Brutus*. No *Discours*, Voltaire define o teatro e indica a finalidade de uma peça:

O teatro, seja o trágico, seja o cômico, é a pintura viva das paixões humanas. [...] É necessário, ou que o amor conduza a infelicidades ou a crimes, para fazer ver o quanto ele é perigoso; ou que a virtude lhe triunfe, para mostrar que ele não é invencível<sup>35</sup>.

---

<sup>33</sup> MENANT, Sylvain. *L'esthétique de Voltaire*. [S.l.]: Sedes, 1995. (Collection “Esthétique”). p. 27.

<sup>34</sup> NAVES, Raymond. *Le goût de Voltaire*. Genève: Slatkine, 2011. p.192-193. Na sequência, Nave faz referência às regras técnicas das belas-artes: “Mas se não há regras de inspiração nem de julgamento, há regras técnicas, que é útil conhecer para aperfeiçoar a obra e lhe evitar erros devidos à moda efêmera e a práticas imprudentes; essas regras, Voltaire as defende contra o entusiasmo ‘bárbaro’”. (NAVES, Raymond. *Le goût de Voltaire*. Genève: Slatkine, 2011. p.192-193) Annie Becq afirma que o gosto de Voltaire tem uma orientação na direção da perfeição e isso implica: a) universalidade (polidez, civilidade, que passa pelo bom senso); b) clareza; c) simplicidade; d) ordem; respeito a proporções; recusa de ornamentos arbitrários. (Cf.: BECQ, Annie. *Goût*. In: TROUSSON, Raymond; VERCRUYSSSE, Jeron. (Dir.). *Dictionnaire général de Voltaire*. Paris: Honoré Champion, 2003. p. 552)

<sup>35</sup> VOLTAIRE. *Discours sur la tragédie à Mylord Bolingbroke*. In: *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

As belas-artes não prejudicam os costumes, ao contrário, elas os adocicam. É mediante o contato com as belas-artes que os seres humanos formam o gosto: desenvolvem suas capacidades sensíveis, isto é, tornam-se mais moderados, tolerantes... doces nas relações humanas. Dessa forma, as belas-artes são marcas da grandeza moral de um povo, exercendo a tarefa de estabelecer o vínculo entre história e civilização. Assim, considerando a experiência com as obras de arte como instante fundamental à formação do gosto intelectual, não por acaso, antes da indicação das “idades felizes” no *Le siècle de Louis XIV*, Voltaire afirma: “qualquer um que pensa e, o que é mais raro, qualquer um que tenha gosto conta apenas quatro séculos da história do mundo”<sup>36</sup>. Não é exatamente a expressão artística que Voltaire destaca no que ele designa como os grandes séculos, mas mostrar que o homem de gosto, o homem civilizado, o homem sensível insere-se na história pela mediação das belas-artes. Como explica Alain Sager, “em oposição à ação predadora e destruidora do bárbaro, a criação de obra de arte testemunha uma atividade construtiva”<sup>37</sup>.

Onde há gosto, há civilização; onde o gosto se degenera, a barbárie avança. Diz Voltaire:

São muitos os países nos quais o gosto nunca se estabeleceu: são países nos quais a sociedade não se aperfeiçoou, nos quais os homens e as mulheres não se unem; nos quais algumas artes [...] são proibidas pela religião. Quando há pouca sociabilidade, o espírito é apoucado [...], não há do que formar o gosto<sup>38</sup>.

Em circunstâncias assim, gosto não se discute, pois as almas são frias, falsas, quando não se pode aquecê-la nem recuperá-la, não se pode discutir gosto com quem não o possui. Aconselha Voltaire que o melhor, nesse caso, é esperar que o tempo e o exemplo instrua uma nação insensível. O homem de mau gosto é um doente do espírito, sofre de carência intelectual e afetiva; contudo, para cúmulo do absurdo, este mesmo ignorante do gosto frequentemente põe-se a tagarelar sobre o que não possui:

---

<sup>36</sup> VOLTAIRE. Dictionnaire philosophique. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

<sup>37</sup> VOLTAIRE. *Apprendre à philosopher avec Voltaire*. Paris : Ellipses, 2012. p. 67.

<sup>38</sup> VOLTAIRE. Dictionnaire philosophique. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

Aflige-se quando se considera [...] essa multidão prodigiosa de homens que não têm a menor centelha de gosto, que não amam nenhuma das belas-artes, que nunca leem, da qual alguns folheiam, no máximo, o jornal uma vez por mês para estar atualizado e para se colocar em estado de falar ao acaso coisas das quais eles não podem ter senão uma ideia confusa<sup>39</sup>.

Por que, aos olhos de Voltaire, o século XVII é considerado como o mais próximo da perfeição? Responde o filósofo: “A grande felicidade da França foi ter em Luís XIV um rei que nascera com gosto”<sup>40</sup>. Percebe-se nos textos voltairianos que, para que o gosto intelectual se forme, condições político-históricas se fazem necessárias à promoção das belas-artes e que o gosto é o indicativo da civilização. Por essa razão, o desenvolvimento das belas-artes, e consequentemente do gosto, é o fim último de um combate por uma sociedade civilizada.

#### *Questão à guisa de conclusão*

Trata-se aqui, por um lado, considerando a perspectiva de Ernst Cassirer, de uma etapa à autonomia da Estética que vai buscar sua medida no mundo em que vive, no ambiente imediato, no hábito e na tradição, de uma confusão entre ideais estéticos e sociais. Voltaire, ainda segundo Cassirer, apercebe-se de algumas fraquezas existentes nas teorias do Classicismo, mas nutre uma admiração enorme pelo século de Luís XIV e não se subtrai às suas exigências, isto é, não se afasta do século XVII em matéria de gosto:

Voltaire, portanto, enquanto esteta, considera que o gosto refinado, autêntico, baseia-se no instinto de sociabilidade do homem, o qual só pode originar-se – e essa é a tese do *Ensaio sobre os costumes* – no âmbito da vida social<sup>41</sup>.

A ideia de “confusão” entre ideais estéticos e sociais traduzir-se-ia pela ilegitimidade teórica desse vínculo.

---

<sup>39</sup> VOLTAIRE. Dictionnaire philosophique. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

<sup>40</sup> VOLTAIRE. Dictionnaire philosophique. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

<sup>41</sup> CASSIRER, Ernst. Os problemas fundamentais de estética. In: \_\_\_\_\_. *A filosofia do Iluminismo*. Tradução Álvaro Cabral. 3ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. (Coleção Repertórios). p. 391.

Por outro lado, como explica Carole Talon-Hugon, de Platão a Hume, as relações da moral com as belas-artes, da ética com a estética, foram amplamente exploradas; apenas a partir do fim do século XVIII essas relações são largamente desqualificadas:

A estética kantiana, sem excluir completamente a ideia de um laço da ética e da estética, via a afirmação segundo a qual o belo é símbolo da moralidade, colocou as bases teóricas de uma distinção que foi explorada pelas doutrinas da arte pela arte e os formalismos que se seguiram<sup>42</sup>.

Mas as lembranças da história da filosofia fornecem uma questão de fato: seria efetivamente ilegítima uma proposição teórica a favor do entrelaçamento dos campos da filosofia da história, da ética e da estética? Não seria preciso reconsiderar os laços entre o belo e o bem?

#### *Referências*

BECQ, Annie. *Génese de l'esthétique française moderne: 1680-1814*. Paris: Albin Michel, 1994.

BECQ, Annie. Goût. In: TROUSSON, Raymond; VERCRUYSSSE, Jeron. (Dir.). *Dictionnaire général de Voltaire*. Paris: Honoré Champion, 2003.

BINOCHE, Bertrand. *Les trois sources des philosophies de l'histoire (1764-1798)*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2008.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*. Tradução Álvaro Cabral. 3ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. (Coleção Repertórios).

ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Tradução Mário Sabino. 2ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Record, 2012.

HAZARD, Paul. *La crise de la conscience européenne*. Paris: Fayard, 1994.

LÖWTH, Karl. *O sentido da história*. Tradução Maria Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70, 1991.

MENANT, Sylvain. *L'esthétique de Voltaire*. [S.l.]: Sedes, 1995. (Collection Esthétique).

MOTA, Vladimir de Oliva Mota. Providência e Liberdade em Voltaire. In:

---

<sup>42</sup> TALON-HUGON, Carole. *Morales de l'art*. Paris: PUF, 2009. p. 8.

*Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea* – Volume III, no 1-2, 2015.

Disponível em <<http://www.rivistaquadranti.eu>>. Acessado em 02 jul. 2018.

NAVES, Raymond. *Le goût de Voltaire*. Genève: Slatkine, 2011.

POMEAU, René. *La religion de Voltaire*. Paris: Nizet, 1994.

SAGER, Alain. *Apprendre à philosopher avec Voltaire*. Paris: Ellipses, 2012.

SAGER, Alain. Retour sur le probabilisme voltairien. In: *Cahier Voltaire*. N° 13, Ferney-Voltaire, Sept., 2014.

SOUZA, Maria das Graças de. *História e Ilustração: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso, 2001.

TALON-HUGON, Carole. *Morales de l'art*. Paris: PUF, 2009.

VOLTAIRE. *Œuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875.

VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.